

BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

NAYARA CRISTINE ZUCULO MARCUCCI

**DANÇA INDIANA E DANÇA DO VENTRE:
REPRESENTANTES DA CULTURA ORIENTAL E
SUAS INFLUÊNCIAS NA CULTURA BRASILEIRA**



Rio Claro
2010

NAYARA CRISTINE ZUCULO MARCUCCI

DANÇA INDIANA E DANÇA DO VENTRE: REPRESENTANTES DA
CULTURA ORIENTAL E SUAS INFLUÊNCIAS NA CULTURA
BRASILEIRA

Orientadora: SILVIA DEUTSCH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Bacharel em Educação Física

Rio Claro
2010

793.3 Marcucci, Nayara Cristine Zuculo
M322d Dança indiana e dança do ventre : representantes da cultura oriental e
 suas influências na cultura brasileira / Nayara Cristine Zuculo Marcucci. -
Rio Claro : [s.n.], 2010
 48 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Silvia Deutsch

1. Dança. 2. Hinduísmo. 3. Multiculturalismo. 4. Contracultura. I.
Título.

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro à Deus, por permitir a minha existência neste mundo...

À todas as pessoas que sempre estiveram ao meu lado. Em especial:

À minha querida mãe, eterna amiga, insubstituível, companheira de todas as horas.

Ao meu maravilhoso pai, grande mestre conselheiro, que sempre almejou a minha felicidade.

Ao meu grande irmão, com quem eu sempre poderei compartilhar minhas alegrias e tristezas.

Ao meu namorado, que mais do que especial, possui um dom incrível de compreender à todos, e abrilhantou ainda mais a minha vida.

À minha orientadora Silvia, excelente profissional, que não somente me auxiliou com este trabalho, mas também demonstrou ser uma amiga, pelo ser humano incrível que é.

À todos os amigos que eu respeito, e que torcem por mim.

RESUMO

Este trabalho passa pela grandeza da dança e faz através de uma revisão bibliográfica, uma busca das características que constituem a dança indiana e a dança do ventre, verificando quais destas mesmas características estão presentes no Brasil. Esta verificação determina o nível de influência que ambas as danças exercem no país. Com isto, verificou-se que o hinduísmo como característica principal da dança indiana está muito presente na vida dos que buscam a arte. O mesmo ocorre com a dança do ventre, que apesar de uma imagem um pouco denegrada, tem seus aspectos vivenciados e apreciados pelas mulheres. Além disso, o trabalho remete ao multiculturalismo e às características do oriente, em que as danças são representantes destas. Com o primeiro, verificou-se que estas artes são um meio de propor mais diálogos, mais conexões entre as culturas, e com o segundo, dão a possibilidade de refletir sobre nossos modos de vida. Desta forma, diante das características que no Brasil estão presentes, é possível crermos que há uma forte influência destas danças, que pode ser refletido simplesmente pela aceitação dos brasileiros, e que faz com que as mesmas continuem crescendo no país.

Palavras-chaves: dança, dança indiana, dança do ventre, hinduísmo, multiculturalismo, oriente.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVO	8
3. METODOLOGIA	9
4. DANÇA	10
5. DANÇA INDIANA	11
5.1. Dança Indiana: reflexo cultural e estilos	11
5.2. HINDUISMO	16
5.2.1. Características do Hinduísmo	16
5.2.2. Hinduísmo e a Dança Indiana	17
5.3. COMPONDO A DANÇA INDIANA	19
5.3.1. As partes de um todo	19
5.4. DANÇA INDIANA NO BRASIL	22
5.4.1. Antecedentes da Dança Indiana	22
5.4.2. Dança Indiana e sua inserção no Brasil	22
5.4.3. Posição e influência da Dança Indiana no Brasil	23
6. DANÇA DO VENTRE	30
6.1. Características Gerais da Dança do Ventre	30
6.1.2. Movimentos e Acessórios da Dança do Ventre: significados e representações	30
6.2. HISTÓRIA DA DANÇA DO VENTRE	32
6.2.2. Origem	32
6.3. CONTRIBUIÇÕES DA DANÇA DO VENTRE	33
6.3.2. Benefícios Gerais	33
6.3.3. Os Chakras e a Dança do Ventre	34
6.4. DANÇA DO VENTRE NO BRASIL	37
6.4.2. Posição e influência no Brasil	37
7. MULTICULTURALISMO	41
8. O ORIENTE	42
8.1. O Oriente em meio à Dança Indiana e a Dança do Ventre	42
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
10. REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

A dança é uma arte milenar, que embora continue se transformando diante das diversas culturas existentes, mantém em cada uma de suas modalidades referências de suas origens, atribuindo-lhes uma identidade, e guiada por diferentes estilos e valores.

A “dança hindu”, que posteriormente passou a ser chamada de “dança indiana”, é repleta de significados e possui fortes valores culturais, principalmente no que diz respeito à religião.

Segundo Andrade (2008, p. 23) “Na cultura tradicional indiana, a dança permeia todos os aspectos da vida. A íntima relação entre dança e religião tem origens muito remotas no pensamento hindu”.

O Hinduísmo é a religião mais antiga da Índia, em que vários deuses são cultuados, e cujas crenças se baseiam no desenvolvimento da espiritualidade. A dança nesse contexto foi se destacando com o passar dos séculos e se integrando aos rituais sagrados. Esta religião crê nas experiências corporais como um meio para construir idéias e pensamentos. A dança então se torna um ato de dedicação às divindades, e um meio para se desprender das dificuldades individuais e sociais (ANDRADE, 2007, 2008).

As cores, os trajes, os adereços, os gestos, as expressões, o ambiente, entre outros elementos, possuem amplos significados na dança indiana, simbolizando as crenças de sua cultura.

No Brasil, a dança hindu chegou aos anos 80, apesar da cultura indiana ter se manifestado há alguns anos anteriores. Com sua permanência aqui no país associada à sua divulgação, tem despertado a curiosidade de muitos, aumentando o interesse pela arte.

Conhecida pelos movimentos de quadril, a dança do ventre é muito popular atualmente, e assim como a dança indiana, possui em suas origens o reflexo de suas crenças culturais.

Essa dança era utilizada na iniciação sexual das jovens, preparação do parto, e como um ato de devoção as deusas Istar e Inana (na Mesopotâmia), e Isis (no Egito) (NAHID; TAKUSI, 2000 apud ABRÃO; PEDRÃO, 2005)

Para Lopes (2000) e Sabongi (2003) apud Abrão e Pedrão (2005, p. 244) a dança do ventre “... não pode ser vista como um mero exercício: ela faz parte de uma tradição muito antiga, ligada ao culto da terra e do útero poderoso da deusa. Os procedimentos da dança do ventre são sérios e merecem respeito das coisas transcendentais e sagradas”.

No Brasil, a dança do ventre é conhecida nacionalmente, mas é em São Paulo que se concentra a maioria dos profissionais da área, devido à grande quantidade de imigrantes árabes e descendentes que são encontrados na região (KUSSUNOKI, 2009).

São vários os processos que estão contribuindo para a presença dessas duas manifestações artísticas no Brasil. Difundindo cada qual a sua cultura, ambas estão favorecendo o multiculturalismo.

No entanto, embora essas duas danças representem culturas diferentes, estas, ainda sim estão unidas por alguns traços em comum. De acordo com Sproviero [20--], apesar de existirem diferentes civilizações orientais, todas possuem algumas características culturais semelhantes, sobretudo nas maneiras de pensar.

Então, através de uma revisão de literatura, esse estudo tem como finalidade identificar quais elementos da dança indiana e da dança do ventre estão presentes no Brasil, e como estes, integrados às suas culturas estão influenciando a cultura brasileira.

Além disso, devido à escassez de estudos relacionados à dança do ventre e especialmente à dança indiana, este trabalho também vem a contribuir com a ampliação dos conhecimentos nessas áreas.

2. OBJETIVO

Esta pesquisa tem como objetivo geral:

- Verificar as possíveis influências que a Dança Indiana e a Dança do Ventre tem sobre a cultura Brasileira.

Como objetivos específicos serão verificados:

- Quais características das danças indianas que se apresentam na cultura brasileira;
- Quais as características da dança do ventre que se apresenta na cultura brasileira;

3. METODOLOGIA

Através de uma revisão bibliográfica, serão investigados os aspectos históricos e culturais das danças indianas e da dança do ventre.

A revisão será baseada em livros, artigos e sites que contribuirão para o conhecimento e identificação de quais são as características das Danças Indianas e da Dança do Ventre, bem como quais são os elementos Orientais que, por intermédio das mesmas, estão influenciando a cultura Brasileira no presente momento.

4. DANÇA

A dança é uma arte preciosa, que possibilita saborear a vida, apreciar o amor, reconhecer o sentido de nossa existência.

“Dissertar sobre dança é percorrer os caminhos da cultura, tradição, religião, história, arte, educação, resistência, comunidade. É dissertar sobre uma atividade comum a todos os povos, em maior ou menor grau, com maior ou menor valor, presente no dia-a-dia ou em ocasiões especiais.” (FÁTIMA, 2001, p. 7)

Os homens segundo Garaudy (1980) apud Machado (2003), dançaram todas as cerimônias de suas vidas: a guerra e a paz, o casamento e os funerais, a semedura e a colheita.

A dança abre espaço para dialogar, refletir e possibilitar a revisão de conceitos, já que o respeito a si próprio e ao próximo está presente em sua prática, que traz aprendizados que podem direcionar à mudanças, reafirmações, concepções e princípios, na busca de uma melhor construção de nosso código de valores. (SECRETARIA de Educação Fundamental (BR) apud. ABRÃO; PEDRÃO, 2005)

Fátima (2001, p. 7): “Seja no ritual religioso, seja como divertimento ou espetáculo, a dança tem como *background* a cultura, a religião e a arte de onde se origina, o que lhe dá estilo, identidade.

Esta identidade será o princípio deste trabalho, que sendo mostrada ao longo dos capítulos, permitirá identificar quais são as características tanto da dança indiana, quanto da dança do ventre que estão presentes no Brasil.

5. DANÇA INDIANA

5.1. Dança Indiana: reflexo cultural e estilos

A Índia é um país onde as práticas, crenças, e costumes recorrentes ao longo da história, permitiram-lhe a construção de uma identidade cultural muito expressiva. Os vários símbolos existentes associados aos diferentes hábitos religiosos, além de outros aspectos, permitem que este lugar seja realmente diferenciado.

O envolvimento da sociedade com o divino é muito valorizado nesse país, o que torna esta relação um fator de grande manifestação nas várias formas de arte. Sendo assim, com a dança indiana não é diferente, já que esta, se une à religião.

“Esta arte, que se confunde com o sagrado, restitui ao homem o sabor da sua origem. Tudo na dança da Índia remete para o significado, para o ensinamento profundo, juntamente com o prazer estético e a alegria que desperta. (TARIKAVALLI, [20--]).

A Índia é também considerada um país das diversidades, tendo diferentes culturas, etnias, geografia, etc. A dança nesse contexto, possui além de suas formas clássicas, as folclóricas, que são muitas e variam de acordo com as regiões do país.

Neste trabalho, trataremos com mais detalhes das danças clássicas indiana, além de falarmos sobre a dança Bollywood, que vem ganhando espaço nos últimos anos.

Segundo Andrade (2008), o termo “clássico” pode ser definido pela idade, que no caso da dança, elementos da antiguidade estão sempre em contínuos processos; habilidade, que é determinado pela facilidade de penetração da dança em diversas culturas, o que tornou a dança “hindu” em dança “indiana”; e por fim as associações de classe, em que as elites buscam definir uma identidade cultural quando se referem às artes “clássicas”.

Entraremos primeiramente nos estilos clássicos existentes, abrangendo suas principais características, e depois, ao falarmos sobre o hinduísmo, explicaremos sobre a criação da dança indiana, já que ambos estão intimamente relacionados.

Existem sete estilos de dança indiana que são considerados “clássicos”, e cada um provém de uma determinada região. De acordo com diferentes informações descritas por Andrade (2007), os estilos e suas características são:

- *BRARATA NATYAM*

Com origem em Tamil Nadu, sul da Índia, este estilo é o mais popular e antigo dentre as formas clássicas de dança indiana. A princípio era executada apenas por mulheres, e após algumas transformações, foi aderida pelos homens.

Tendo a linguagem facial como o aspecto mais apreciado, esta dança manifesta nove sentimentos que são chamados de “*Navarasa*”. Além disso, sete números fazem parte de uma apresentação de *Bharata Natyam*, e em cada um deles é realizado algo diferente. Seguidos por esta ordem, estão: o *Alaripu*, *Jatiswaram*, *Shabdham*, *Varnam*, *Padam*, *Tillana* e por último o *Mangalam*. Citando dois deles como exemplo, no *Alaripu*, há o envolvimento da dança com o pronunciamento rítmico de algumas sílabas, e no *Shabdham*, há a característica da forte expressividade, que é acompanhada por uma canção em adoração ao Ser Absoluto.

Por fim, o estilo de música utilizado é o Carnático, e os instrumentos que o compõem são: órgão de foles, flauta, *mridangam* e o *nattuvangam* como percussão, instrumento de corda (violino ou *veena*) e o *címbalo*. Há também os vocais que participam desse estilo tão gracioso e expressivo.

- *MOHINI ATTAM*

“Dança do encantamento”. Este é o significado dessa forma de dança, que tem seus movimentos semelhantes aos das palmeiras com o vento e às ondas do mar. Com o elemento *Lasya*, que representa a feminilidade, o *Mohini Attam*, é símbolo de sedução, delicadeza e graciosidade.

Sua origem ocorreu no Estado do Kerala (sul da Índia), e atualmente é executada apenas por mulheres. Com a criação da escola *Kerala Kala Mandalam*, este estilo de dança que teria se degenerado no século XX, voltou com força e adquiriu popularidade.

Assim, essa dança que antes acontecia durante as festividades, hoje, é bem vinda em qualquer circunstância.

- *ODISSI*

Sendo uma das danças mais antigas, a *Odissi* é originária do Estado de Orissa, situado no leste da Índia, e embora tenha sofrido um declínio durante o século XVI, ressurgiu com força no século XX. Tal declínio se deve ao fato das dançarinas chamadas *Maharis* deixarem de executar a dança no templo e partirem para as cortes dos reis.

Junto com as *Maharis*, o *Gotipua* (tradição em que meninos dançavam vestidos de meninas), contribuiu para a origem da dança *Odissi*.

Os adornos feitos em prata e o movimento do torso, são características marcantes desse original estilo, cuja técnica se baseia em duas principais posições: *chowk* e *tribhanga*. Estas representam respectivamente a energia masculina e feminina.

-*KATHAK*

Criada às margens do rio Ganges, a *Kathak* tem seu significado associado à palavra *Katha*, que quer dizer “contar histórias”. Executada por artistas, essa dança fazia parte das narrações históricas que divertiam as pessoas, e além dos hindus, teve os mulçumanos como influência, e suas histórias puderam ser representadas pela mesma.

O estilo *Kathak* possui os giros como movimentos exclusivos, e o trabalho dos pés é bem detalhado, visando alcançar um alto nível de dificuldade.

A recitação de sílabas e as expressões faciais são também valorizadas, e as vestimentas típicas dessa dança são duas. A primeira, relacionada à cultura mulçumana, é mais simples, e é composta por um véu colocado na cabeça, e uma saia mais curta em que é possível observar os guizos. E a segunda, mais relacionada à cultura hindu, é composta de um xale, que se sobrepõe a uma blusa curta e uma saia comprida.

- *KUCHIPUDI*

Criada como dança-teatro no século XV aproximadamente, essa forma de dança teve sua origem em uma aldeia chamada *Kuchelapura* ou *Kuchipudi*, e a princípio era considerada uma dança folclórica.

Um poeta que se chamava *Vaishnava Sidhendra Yogi* desenvolveu várias peças *Kuchipudi*, e se tornou o criador do estilo conhecido atualmente.

O diálogo durante as apresentações são observadas, e entre os itens do *Kuchipudi* está o *Tarangam*. Neste, o dançarino se movimenta em um prato colocado sob seus pés, e ao mesmo tempo, sobre a sua cabeça é mantida um grande pote com água, sem que esta seja derrubada. Assim, percebe-se toda a habilidade necessária para manter a agilidade, ritmo e equilíbrio nessa dança.

A música por fim é a Carnática, com instrumentos utilizados também pela *Bharata Natyam*.

- *KATHAKALI*

Este estilo tem sua origem associado ao estado de Kerala, particularmente à cidade de *Travancore*. Inicialmente era um ritual de adoração às serpentes e posteriormente passou a ser um ritual à deusa *Bhagavati*, que cuidava das serpentes.

Apresentada como dança-teatro, esse estilo contém três tipos de personagens com características diferentes. Entre estes, está o tipo *Sattvik*, em que estão presentes a nobreza, a generosidade e o refinamento. Buscando atribuir significados à esses personagens, para os indianos, tais características refletem as qualidades que todo ser humano carrega consigo. No caso do *Sattvik*, são as qualidades de nobreza e inteligência.

Dentre as várias especificidades dessa dança, podem ser citados o figurino, que é muito elaborado e com muitas cores, os adornos que são exagerados e pesados, e a maquiagem que é altamente colorida e diferente para cada personagem.

- *MANIPURI*

Esta dança originou-se no Estado de Manipur, que devido à sua localização geográfica, não sofreu praticamente influência até o século XV. Após este período, com a chegada do Hinduísmo, novas composições baseadas na vida de *Radha e krishna*, foram inseridas.

Na dança Manipuri, a ênfase está nos movimentos corporais e não faciais. Assim, os dançarinos devem transmitir uma expressão suave e natural, e traduzir através do corpo movimentos ligeiros, semelhantes aos da cobra.

Homens e mulheres devem participar de um mesmo número a fim de abranger as características masculinas e femininas, que estão associadas respectivamente à movimentos rigorosos e movimentos delicados.

O uso de espadas e escudos são recorrentes nas danças marciais que fazem parte desse estilo tão atraente.

Bollywood

De acordo com Romano [20--] a palavra Bollywood é a junção de duas palavras: Hollywood e Bombay (antigo nome de Mumbai, a capital cinematográfica da Índia). Surgida através da famosa indústria cinematográfica indiana, se tornou um estilo de dança. Há neste estilo uma fusão de danças indianas clássicas e folclóricas (tendo como principal elemento o Bhangra) com outros estilos orientais e ocidentais (clássicos, modernos, contemporâneos e folclóricos).

Vindo do estado de Punjab o Bhangra é um estilo de música e dança folclóricos que atualmente tem sido remixada com vários outros tipos de músicas. Tem se tornado popular em todo o mundo, com destaque aos Estados Unidos e Inglaterra (onde a comunidade indiana é bastante grande).

5.2. HINDUÍSMO

5.2.1. Características do Hinduísmo.

Embora o islamismo, o cristianismo, o budismo, entre outros estejam presentes na Índia, o hinduísmo - religião originária do subcontinente indiano, é o que possui o maior número de seguidores neste país.

Sem ter um fundador, e sem seguir um dogma, o hinduísmo contou com muitas contribuições ao longo dos anos, e pôde se enriquecer com diferentes elementos. Estes, culminaram em uma variedade de crenças e práticas, e assim formou-se uma religião diversificada e complexa. Diante dessas contribuições, as crenças védicas, de acordo com Renou (1964), ofereceram a maioria das características embrionárias que foram desenvolvidas com o tempo.

Para contextualizar, o vedismo se referiu a uma religião levada pelos invasores arianos ao nordeste da Índia, mais precisamente ao vale do Indo e Punjab em aproximadamente 2000 a.C. Antes, teriam habitado o Irã e seguidos ao sul da Rússia. (TINÔCO, 1992). Segundo Renou (1964), ocorreram transformações com as crenças “arianas” durante um determinado período, levando a uma posterior distinção entre a religião original do Irã e o que seria a futura religião védica na Índia.

Fazia-se presente no vedismo o culto a vários deuses, as mágicas, e rituais de sacrifícios animais e vegetais que engrandecem a questão mitológica dessa religião. Esta mitologia por sua vez, foi descrita em textos (*Vedas*), cujo o primeiro e mais antigo é o *Rig-veda*. À partir destes, o hinduísmo pôde se desenvolver,

“De acordo com os fenômenos que se examinem, na verdade, o hinduísmo pode surgir ou como uma religião extrovertida de espetáculo, mitologia abundante e prática congregantes ou uma religião profundamente interiorizada, ou introvertida. À primeira categoria pertencem as atividades das seitas, o movimento *bhakti* e a adoração à vaca, onde alguns vêem o símbolo concreto do hinduísmo. Poderíamos também incluir nisso o princípio da não-violência, pelo menos em sua aplicação social. Ao ponto de vista do hinduísmo como uma vida interior pertencem as trilhas do progresso espiritual, a busca da libertação, a tendência a renúncia e finalmente a concentração intensa em problemas que, em outras culturas, se acham mais freqüentemente reservados aos teólogos e filósofos. (RENOU, 1964, p. 13)

A sociedade hinduista é dividida em castas, isto é, divisões em que os indivíduos são classificados por hereditariedade. No topo das castas, se encontram os sacerdotes

(*brâmanes*) e no último estado estão os servidores (*shudras*).

A classificação do indivíduo ocorre de acordo com o seu *karma*, sendo determinado pelo resultado de seus atos passados (FOLLMANN; SCARLATELLI, 2006). Assim, o termo mencionado, se refere às ações humanas essenciais para que o *dharma* possa se sustentar. O *dharma* por sua vez, segundo Follmann e Scarlatelli (2006), se refere aos deveres ou leis que devem ser seguidos pelo indivíduo diante de sua inclusão na organização social, na qual estão presentes as castas, idade, gênero, etc.

Os hindus acreditam na transmigração da alma, portanto as vidas anteriores estão associadas aos atos acometidos pelos indivíduos.

Para alcançar a salvação, o indivíduo precisa trilhar os caminhos certos. No livro sagrado chamado *Bhagavad-Gita*, são descritas três vias importantes para conseguir tal objetivo. A primeira é a via do sacrifício, na qual os corretos atos ritualísticos, em especial os sacrificiais, ajudam na busca da felicidade terrena, e como última finalidade na libertação das transmigrações. A segunda é a via do conhecimento, em que é preciso entender o que é a verdadeira natureza da existência. Para os indianos, a ignorância não permite que o ser humano se desprenda do ciclo das transmigrações. Por isso, o caminho da libertação é conquistado ao se compreender que a alma humana e o mundo espiritual são uma única coisa. A terceira e última via é a da devoção, em que a dedicação total ao Senhor é o caminho mais fácil para receber a graça, e assim libertar-se. (FOLLMANN; SCARLATELLI, 2006)

No hinduísmo, muitas das formas que podem ser representadas são análogas aos aspectos da vida, como por exemplo as virtudes humanas.

Brahma (a força criadora no universo), *Vishnu* (a força conservadora), e *Shiva* (a força destruidora ou transformadora) são considerados importantes deuses que compõem uma tríade conhecida como *Trimurti*. Esta simboliza um universo cíclico, em que os hinduístas crêem que para haver criação é preciso haver destruição.

Brahma para os hinduístas, é considerado a encarnação de um Ser Supremo conhecido como *Brahman*. Este é o espírito “Absoluto”, que permeia tudo e que é impossível de ser descrito. A exigência de um elevado nível de espiritualidade, faz com que *Brahma* seja raramente cultuado, dando espaço a alta reverência à *Vishnu* e *Shiva*.

Apesar da associação direta com a religião, são várias as obrigações e metas que realmente tornam o hinduísmo uma forma de vida.

5.2.2. Hinduísmo e a Dança Indiana

Conforme descrito nos *Vedas* a dança originou-se através dos deuses, sendo estes grandes dançarinos que trouxeram tal arte aos homens, não só como uma manifestação da atividade universal, mas como o próprio movimento em si. (ANDRADE, 2008)

“A dança da Índia segue os conceitos de energia, sabedoria e a arte brota de uma mesma raiz divina que produz e coordena a vida”. (MACHADO, 2003, p. 5)

Eram nos templos que os cultos diários aconteciam, e onde a dança foi se destacando e sendo incluída nos rituais sagrados. As *devadais* (“escravas” de Deus) eram as mulheres escolhidas para praticarem a dança, e tinham a obrigação de servir e divertir os deuses, mantendo a antiga tradição hindu. Essas mulheres também tinham liberdades, possuíam conhecimentos em outras áreas, e transmitiam suas funções hereditariamente.

Existem algumas versões míticas sobre a criação da dança, mas há uma que se prevalece na Índia, e que se sustenta na representação de *Shiva*. Segundo Andrade (2008), cada região da Índia escolhia um deus da *Trimurti* como sendo o favorito, e *Shiva* era assim considerado na região de *Tamil Nadu*., se consagrando cada vez mais. Neste mesmo lugar, a origem da dança faz crescer um intenso misticismo da criação, e *Shiva* ocupa de forma conclusiva o posto de deus dançarino.

Shiva é um deus muito cultuado e suas diversas representações iconográficas, sobretudo a de *Nataraja*, (“nata” – dança e “raja” – rei), são altamente populares, inclusive no ocidente. Aqueles que elegem *Shiva* seguem a filosofia do chamado *Shivaismo*.

Como já citado, *Shiva* é o deus que destrói para outros elementos e processos serem criados de maneira contínua. Segundo Fátima (2001, p. 32) “...sendo *Shiva* um deus bailarino, é no seu ritmo que a vida flui.” Assim, a criação, a manutenção, e a destruição das atividades universais, estão associadas ao ritmo da dança.

Benevolência e braveza são duas características opostas que *Shiva* pode apresentar simultaneamente, indicando assim um perfil contraditório. (RAMM-BONWITT, 1987).

A dança de *Shiva* bem como sua aparência iconográfica representa também o sexo feminino e masculino, que são traduzidos respectivamente pela graciosidade, delicadeza (*Lasya*), e virilidade (*Tandava*).

A posição corporal, o tambor, o fogo, e todos os outros detalhes da imagem de *Shiva Nataraja* remetem a um significado. O tambor, por exemplo, simboliza o ritmo do universo, mantendo uma ordem na criação dos aspectos da natureza.

5.3. COMPONDO A DANÇA INDIANA...

5.3.1. As partes de um todo.

Como percebemos a dança indiana não se refere somente à simples movimentação rítmica corporal, tendo em conta que esta última pode ser a primeira constituinte que nos remete a palavra “dança”. Mais do que isso, considerando as transformações e adaptações que tal arte sofreu ao longo dos anos, em suas apresentações atuais, há vários elementos que representam as crenças culturais, sobretudo as tradições hindus, que compõem essa arte tão distinta que chamamos de “dança indiana”.

Todos os detalhes de uma produção teatral, na qual fazem parte não só a dança, mas também a maquiagem, a música, entre outros componentes, estão descritos em um antigo texto chamado “*Natya Shastra*”. Bem como este, outro texto, “*Abhinaya Darpanam*”, também muito antigo, traz todas as formas gestuais e posturais da dança que expressam os sentimentos.

A dança clássica indiana é dividida em *Nritta*, *Nritya* e *Natya*. A primeira se refere à dança pura, ou seja, não há nenhum significado embutido nos movimentos técnicos. O foco se limita simplesmente a estética. Na segunda, a expressão das emoções é valorizada, sendo geralmente nove sentimentos demonstrados principalmente pela face. São estes: amor, compaixão, coragem, ira, humor, temor, paz, repugnância, e surpresa. Designa-se *Navarasa* o conjunto destes sentimentos. Na terceira, a dança e a música se unem ao drama, em que personagens são criados para uma história elaborada ser mostrada.

À seguir, alguns dos elementos da dança indiana:

- Cores

Um aspecto que caracteriza a dança indiana é a presença intensa das cores. Estas a torna ainda mais bela, enfatizando um visual muito colorido através da maquiagem, figurinos e adornos. Segundo Andrade (2008), as cores são “instrumentos” pelos quais não só as emoções, mas também a devoção podem ser demonstradas. Os dançarinos utilizam cores consideradas ativas (vermelho, laranja e amarelo), e passivas (violeta, azul e verde), de maneira a combiná-las entre si. As cores possibilitam representar aspectos diferentes, tais como o mundo material e imaterial. Um exemplo disso, de acordo com o autor, é a

combinação das cores vermelho e amarelo, que simulam respectivamente o fogo e a luz. Já a cor violeta, que é o resultado da mistura entre a cor azul e vermelho é dedicado ao deus *Shiva*.

- Vestimenta

Como já descrito, as cores traduzem vários significados, e sendo um item importante do traje a ser considerado, a este, os mesmos podem ser atribuídos.

A peça de destaque que compõe o visual da dançarina é o *saree*, que é simplesmente um tecido comprido, em que as mulheres enrolam sobre seus corpos. Já os homens, utilizam também um tecido que é recortado e cobre apenas a parte inferior do corpo.

Em cada estilo da dança indiana, há variações nas maneiras de utilizar as peças citadas acima.

- Ornamentos

As jóias e adereços diferenciados conferem um charme especial e contribuem na caracterização peculiar dessa arte. Mas não servem simplesmente para enfeitar os corpos dos dançarinos. Todas as formas de jóias e adereços ganham simbolismos.

Na cabeça, delicadas correntes são dispostas de maneira específica, e junto a estas se encontram três jóias, de modo que uma destas é colocada no centro da testa, e as outras duas se posicionam acima da cabeça, estando uma localizada mais no lado direito e a outra no lado esquerdo. Assim, as duas últimas simbolizam respectivamente o sol (formato redondo), e a lua (formato de semicírculo). Através destas jóias, as dançarinas podem ser abençoadas pela lua e pelo sol. (ANDRADE, 2008).

Outros dois exemplos de jóias a serem citadas entre todas as possíveis são as pulseiras, que sendo usada uma ou mais em cada braço, servem para protegerem as mãos, e o colar que protege o coração. Os homens também utilizam as pulseiras, mas apenas uma em cada braço.

As flores no cabelo e os guizos nos tornozelos também são itens utilizados.

- Gestos

Assim como há a demonstração dos sentimentos através do rosto, na dança indiana as mãos também são capazes de exprimir emoções por meio de gestos que são conhecidos como *Mudrás*. Para Ramm-Bonwitt (1987) muito do que foi observado na natureza pelo homem foi reproduzido por gestos, e as emoções são representadas simbolicamente pelos fenômenos da natureza.

Os *Mudrás* não estão presentes só na dança. O Budismo, o Yoga, e as artes marciais, também usufruem dos gestos manuais que são inúmeros.

Na dança, um exemplo seria o *Kartarimukha*, gesto em que apenas o dedo indicador e médio são estendidos enquanto os outros estão flexionados. Mentira, lágrimas, e roubo, são um dos seus significados.

- Maquiagem

A maquiagem das dançarinas é forte, e os olhos chamam atenção por serem bem delineados. Dessa forma, todas as formas de expressão facial podem ser realçadas.

Entre as sobrancelhas, um ponto vermelho se refere à um símbolo da religião hindu.

Já os dedos dos pés e das mãos são pintados de vermelho, que também destacam os movimentos detalhados dos mesmos.

- Ambiente de apresentação

O local onde as dançarinas se apresentam possui muitos elementos que dizem respeito à suas crenças. Flores, incenso, altar, lâmpada indiana, figuras temáticas e música, são alguns dos componentes vistos no palco.

Tais elementos são utilizados durante as apresentações, nas quais dentro de várias atividades, são realizadas orações e oferenda aos deuses.

5.4. DANÇA INDIANA NO BRASIL

5.4.1. Antecedentes da Dança Indiana

Antes da dança indiana chegar ao Brasil, manifestações orientais já haviam sido incorporadas nas atividades e pensamentos de adeptos ocidentais, por um movimento conhecido como Contracultura, que teve início nos anos 60. Este movimento ocorreu nos Estados Unidos, espalhou-se pela Europa e outros países das Américas.

De acordo com Fátima (2001), os Estados Unidos nesta época, supervalorizaram as questões racionalistas e tecnocratas, ao expandirem o desenvolvimento industrial junto à padronização social, ao consumismo, à burocratização, e aos objetivos técnico-científicos. Assim, as questões humanas e sociais se tornaram irrelevantes, e fizeram com que aflorasse nos jovens o sentimento de indignação, resultando posteriormente em uma postura contrária dos mesmos.

Para a autora:

“A Contracultura se apresentou como uma forma de resistência à desumanização, à transformação das pessoas e da natureza em objetos manipulados pela especialização estabelecida. Por tudo isso, buscar viver novos valores, experimentar novos padrões, voltar à vida em comunidade, à natureza, alcançar níveis de consciência mais elevados, eram as orientações daquele momento histórico.”(FÁTIMA, 2001, p. 21)

A estas buscas, integraram-se mais especificamente, segundo Albuquerque (2001) o Yoga, a valorização do artesanato, a identificação com as religiões orientais, o reconhecimento da cultura indígena e popular, a elevação da consciência através das drogas e música.

Este movimento funcionou positivamente ao propagar novas idéias, oferecer espaço para diferentes opiniões, culturas e políticas, além de apresentar outras percepções sobre a vida. (FÁTIMA, 2001)

Ainda que a dança hindu fosse trazida por imigrantes indianos, a Contracultura é que permitiu que o Brasil acolhesse e expandisse a cultura oriental no país.

5.4.2. Dança Indiana e sua inserção no Brasil

À medida que os imigrantes indianos chegavam ao Brasil, muitos aspectos da Índia iam sendo mostrados. De acordo com Andrade (2007), antes mesmo de 1960, já existiam hipóteses de que indianos teriam vindo ao Brasil, e mais tarde, com a chegada dos comerciantes, muitas lojas de produtos indianos, e mesmo restaurantes com comidas típicas iam se estabelecendo.

Já com esse cenário, a dança indiana chegou ao Brasil no ano de 1985. Foi trazida através dos imigrantes, ao chamarem artistas conterrâneos que faziam suas apresentações. A primeira destas foi realizada pela indiana Bharati Shivaji, que executou o estilo *Bharata Natyam*. (ANDRADE, 2007, 2008)

O autor diz que Madhavi Mudgal e Shrimati Kalamandalam são dançarinas que ao realizarem oficinas na cidade de São Paulo, despertaram por meio destas, o interesse de brasileiros com formação em balé clássico e contemporâneo, em aprenderem sobre a arte indiana. Alguns destes bailarinos brasileiros foram à Índia e conheceram de perto a dança hindu, dando continuidade às suas apresentações e ensinamentos no Brasil. Outros, praticam a dança, porém sem muito comprometimento com a tradição hindu.

O autor ainda afirma que poucos dançarinos obtiveram sucesso persistindo nessa arte, e seguindo a tradição hindu com suas academias. Estão entre eles a Aglaia Azevedo (*Mohini Attam*), Andréa Prior (*Kathak e Odissi*), Silvana Duarte (*Odissi*), Almir Ribeiro (*Kathakali*), Estelamare dos Santos (*Bharata Natyam*), Andrea Albergaria (*Odissi*) e Patrícia Romano (*Bharata Natyam*).

Oito academias de dança indiana foram citadas pelo autor, estando a maioria localizadas em São Paulo, e as outras no Rio de Janeiro e Curitiba.

5.4.3. Posição e influência da Dança Indiana no Brasil

A dança indiana vem despertando a curiosidade dos brasileiros e vem tendo ascensão com relação à iniciação à arte.

A novela Caminho das Índias, exibida pela Rede Globo em 2009, lidou com a cultura indiana e mostrou a dança como parte da mesma. Observou-se então uma crescente na procura pela arte.

Mesmo assim, o interesse, devido à novela, se inclinou mais à dança Bollywood do que à dança clássica indiana. Patrícia Romano é professora da dança *Bharata Natyam*, e diz, de acordo com Muller [20--], acreditar que isto ocorra “...porque o ocidental não tem a

paciência necessária para aprender. O curso para formação em dança clássica demora, no mínimo, oito anos. Além disso, é importante conhecer sobre a cultura, a filosofia e a maneira de ser indianos”

Tendo em vista que atividades muito praticadas no ocidente, sobretudo algumas danças, que exigem considerável disciplina como o balé clássico por exemplo, necessitam também de vários anos de aprendizado até que as técnicas sejam aperfeiçoadas, não nos parece que o fator tempo, se analisado isoladamente, ainda que exerça certa influência, seja decisivo para a falta de interesse em iniciar ou continuar a dança clássica indiana. Parece-nos muito mais uma questão do tempo em que as atividades ocidentais foram inseridas aqui, se tornando mais conhecidas, e assim criando familiaridades para que continuem sendo escolhidas e vivenciadas.

No entanto, com relação à importância dada ao conhecimento dos aspectos presentes na Índia, de fato, percebe-se que os adeptos da dança, amam e se dedicam profundamente à arte e seus fatores influentes. Então, é possível que a dança clássica indiana, estando associada à cultura, à filosofia, à maneira de ser indianos, e possuindo estes, características contrastantes com outras culturas, incluindo a do Brasil, necessite de um tamanho apreço, para que sua complexidade possa ser entendida e compreendida. Dentro disto, Andrade (2007) diz que o alto domínio técnico nas performances dos bailarinos, indica inclusive, um compromisso profundo.

Falaremos à seguir sobre dois bailarinos brasileiros, de acordo com as informações de Andrade (2008).

Almir Ribeiro

Nascido no Rio de Janeiro, Almir Ribeiro é professor de interpretação e expressão corporal, pedagogo, diretor teatral e pesquisador de teatro oriental. Com a academia Teatro Mínimo, junto à atriz Aglaia Azevedo, Almir teve o estilo *Khatakali* como objeto de sua pesquisa teatral, durante 15 anos.

Interessado apenas pelas questões estéticas da dança indiana inicialmente, o professor foi à Índia em 1989, para adquirir mais conhecimento sobre a dramaturgia, mas pôde perceber a intensa ligação de tal arte à espiritualidade hindu, de modo que é impossível separá-las. Ao retornar da Índia, Almir e Aglaia fizeram juntos apresentações unindo o *Khatakali* à *Mohini Attam*.

Respeitando a tradição, dificilmente Almir realiza performances da Khatakali na ausência de Nandakumaran, que é seu mestre. Almir enfatiza que na Índia, “O modo de ensinar a dança é muito diferente do [encontrado no] mundo ocidental...” e que “...juntamente com a dança, aprende-se também a ética”. Além disso Almir ainda diz que “O Oriente é sintético no modo de ensinar, enquanto o Ocidente é analítico. Khatakali não escreve nada na cabeça, mas no corpo”.

Entre as apresentações produzidas pelo Teatro Mínimo, estão a “Dança da Mohini”, onde a bailarina expressa de forma clara através da face e do corpo, seu desejo pelo amado, e “Kathakali Teatro Sagrado do Malabar” onde a região de Malabar (sul da Índia) é explorada através do teatro, dança e ritual sagrado. Em ambos os espetáculos são mantidos nos cenários os elementos essenciais do universo hindu.

Guiando-se pela tradição hindu, Almir e Aglaia têm suas apresentações realizadas somente em lugares em que é possível haver concentração, podendo o palco ser preparado diante das descrições do *Natya Shastra*.

Patrícia Romano

Patrícia Romano, já citada aqui, é professora, bailarina de dança indiana, e diretora da escola *Natyalaya* (filial da *Natyalaya School of Classical Dances*, situado em Kerala, na Índia), onde danças clássicas indianas são ministradas em São Paulo. Patrícia também realiza eventos e *workshops* sobre *Bharata Natyam* e *Mohini Attam*.

Após ser formada em balé clássico, Patrícia iniciou os ensinamentos desta dança por alguns anos, e após ter pesquisado diversas danças ocidentais, percebeu que buscava por algo que pudesse lhe oferecer algo a mais, além do simples exercício. Então, ao participar das aulas de *Bharata Natyam* ministradas pela dançarina indiana Shrimati Kalamandalam Sumathi, em 1996 aqui no Brasil, se interessou pela dança hindu, e seguiu para a Índia. Lá, pôde aprender os estilos *Bharata Natyam*, *Mohini Attam* e *Kuchipudi*. Após retornar à Índia várias vezes, abriu a filial da *Natyalaya* em 2006, para divulgar a cultura indiana.

Patrícia Romano utiliza a técnica da dança *Bharata Natyam*, na mistura da música clássica e música popular indiana. Essa mistura, denominada “*masala dance*”, é muito apreciada, e segundo a professora, se torna “...um caminho para a pureza”, além de ser também “...um incentivo para que os estudantes se interessem pela dança sagrada”.

Outra diferença com relação à Patrícia, é que a bailarina considera todos os lugares de apresentação ideais, já que independente do tipo de público, todos são considerados Deus. Isto devido à crença de que Deus está presente em todos os lugares e é superior a todas as religiões.

Entre suas produções, estão “Bollywood” e “Natyalaya – Danças Clássicas do sul da Índia”, na qual a tradição hindu tem sua identidade mantida.

Pelas descrições acima, nota-se então uma forte preocupação dos bailarinos em manterem a tradição hindu, em seus amplos aspectos. Mesmo havendo opiniões diferentes sobre o lugar ideal de apresentação, ambos cultivam a essência da religião.

Os dois bailarinos, no entanto, foram motivados por razões diferentes. Almir se interessou inicialmente pela estética e Patrícia, pela busca espiritual. Com referência a experiência espiritual, e já analisando de maneira mais profunda, Andrade (2007, p. 274), cita o trabalho de Montgomery (1976), Usarski (2002) e Robsbawm (1974), e explica que:

“Por um lado, temos bailarinos que iniciaram sua jornada profissional a partir de uma aproximação de movimentos religiosos que, apesar de apreciados por segmento da sociedade, confrontam a religião dominante (o Cristianismo). Indivíduos que fazem da dança uma expressão de fé, e que expressam valorizando e incorporando elementos religiosos hindus (estéticos, iconográficos e discursivos) as suas apresentações e à sua vida cotidiana. Deduz-se que a inter-relação entre essa atitude religiosa e a do restante da sociedade brasileira se dá por meio da dança hindu. O principal empréstimo é feito ao senso estético, [...]. A beleza e a riqueza da dança a tornam algo atraente e útil, um bem, enfim, que não ofende a sociedade. Por meio dela os bailarinos indicam sua crença sem confrontações – o que provavelmente não aconteceria se as apresentações viessem acompanhadas de um forte trabalho de catequese (que provavelmente implicaria em rejeição pelo público [...]) O que não aconteceria, tampouco, se a expressão material da fé fosse considerada “extravagante” pela sociedade local. Podemos observar, portanto, que não há problemas de inserção da expressão artístico-religiosa na sociedade brasileira.”

Outro aspecto de relevância sobre Almir e Patrícia, é que ambos tiveram a oportunidade de irem para Índia. Isto facilita a compreensão daquela cultura, uma vez que, é muito mais fácil um indivíduo incorporar os costumes de uma sociedade quando se está inserido nela, sobretudo se tiver nascido e ou vivido no mesmo lugar. Presume-se que o modo de viver e de pensar já fora construído e instaurado em seu perfil.

Mesmo assim, isso não caracteriza e não garante a total veracidade ou originalidade dos aspectos da dança hindu, por mais que os dançarinos tentem. Segundo Guerreiros (2001), o "outro" oriental não é, certamente, a cultura "pura" e original hindu. Já é uma adaptação

ocidental feita sob medida aos desejos de seus consumidores, justificando suas maneiras particulares de existência.

O hinduísmo, considerado a parte vital da dança indiana, tem se manifestado no Brasil já há alguns anos. De acordo com Andrade (2007), essa manifestação do hinduísmo ocorreu de forma diferente do budismo. Enquanto este se deu através dos imigrantes religiosos e por um movimento de conversão, o primeiro, se deu somente através do movimento de conversão, visto que, não há um número significativo de indianos no Brasil.

Andrade (2007) afirma que este fator da conversão está relacionado com a Contracultura. Nos anos 60, como já dito anteriormente neste trabalho, houve um interesse por práticas religiosas e culturais como o Yoga. Atualmente, o autor diz que o Yoga é altamente popular na classe média brasileira, e oferece saúde, realização espiritual e pessoal.

A dança hindu, segundo Andrade (2007), se direciona para o mesmo caminho, ainda que sua entrada no Brasil tenha sido mais recente e sua penetração menos significativa.

Segundo Guerreiro (2001) a ISKCON, denominada oficialmente como *Internacional Society for Krishna Consciousness*, é uma dentre as inúmeras vertentes religiosas do hinduísmo, que está presente no Brasil desde 1974.

Lembrando que há, dentro da tradição védica, uma infinidade de deuses e semi-deuses que são adorados por diferentes correntes, o Movimento Hare Krishna, se caracteriza por considerar *Krishna* como a suprema Personalidade de Deus. (GUERREIRO, 2001)

O autor diz que os seguidores deste Movimento acreditam que todo conhecimento da ISKCON vem dos Vedas e é ensinado de mestre a discípulo, até hoje, através da sucessão discipular.

O autor também afirma que a ISKCON se adaptou ao modo de ser ocidental e também contribuiu com seus traços culturais para a composição do quadro cultural religioso da sociedade brasileira. Dentre estas adaptações, está a maneira pela qual é transmitido o conhecimento. Bhaktivedanta Swami Prabhupada é considerado o grande mestre da ISKCON, e continuou, mesmo após vinte anos de sua morte, propagando seus ensinamentos, mas através de seus livros publicados.

A globalização associada à tecnologia permite que diversas culturas permeiem em diferentes territórios. Influenciados diretamente pela comunicação de massa, as pessoas criam constantemente a vontade de buscar e integrar as novidades mostradas às suas vidas.

A televisão é um grande instrumento dentre os meios de comunicação, que tendo uma relação com o mercado capitalista, gera uma grande influência sobre os telespectadores. Isto

pode trazer impactos positivos ou negativos, dependendo da perspectiva que se busca analisar. Sendo assim, não podemos negar que a Rede Globo, como mídia de massa, é capaz de exercer uma influência ainda maior sobre os telespectadores, sobretudo, quando falamos de suas telenovelas, ícone primordial em termos de audiência.

Quando a novela Caminho das Índias foi exibida, percebeu-se o maior interesse das pessoas pela cultura indiana, incluindo a dança. Logo se viam os mais variados produtos, como roupas, bijuterias, maquiagem, objetos mítico-religiosos, sendo vendidos em diversas lojas, e impulsionando ainda mais o comércio já especializado em tais produtos.

Tendo em vista que este impacto ocasionado pela novela teve como contribuinte a retratação do oriente, Guerreiro (2001, p. 48) afirma que:

“O Oriente é o lugar do exótico, do misterioso, do totalmente diferente dos nossos padrões ocidentais. O Oriente atrai porque é aparentemente uma coisa "nova" para os ocidentais e antiga em termos de tradição e veracidade.”

Dentro do que é considerado “novo”, mais nova ainda pode ser considerada a dança indiana no Brasil, que fazendo uma comparação com a dança do ventre, têm-se o maior conhecimento desta no país. Este fator também pode ter contribuído para aumentar a curiosidade pela dança hindu.

Andrade (2007) diz que é visível a aceitação pelos brasileiros de vestimentas originárias da Índia, principalmente pelas mulheres. À estes, a categoria “identidade indiana” se refere, e as batas, as camisas leves e as saias são muito usadas pelos mesmos. Em tempos recentes, um piercing do tipo nostril (colocado sobre a aba do nariz) teve uma popularidade. As festas com tema indiano também acontecem, e a música, e o cardápio típico fazem-se presentes.

As cores tão marcantes na dança hindu, também são incorporadas nas roupas. Já dos tipos de dança aqui no Brasil, a Bollywood é a que se destaca, sendo realizada nas festas de casamento, como uma atração para os convidados.

Dentro da categoria “identidade indiana”, são encaixadas as pessoas que não manifestam preocupações filosóficas, comportamentais ou metafísicas relacionadas ao hinduísmo (ANDRADE, 2007) Ainda sim, considera-se que há influência, mesmo que seja de forma superficial, e mesmo que esta, não represente os reais objetivos dos amantes da dança hindu, que são o de oferecer o crescimento espiritual, além do condicionamento físico e controle mental.

Prova disto está no comentário de Patrícia Romano, de acordo Muller [20--]: “Eu gostaria imensamente que a dança clássica tomasse o mesmo caminho que o Yoga tomou no Brasil. Gostaria que as pessoas a levassem a sério e a praticassem como um caminho para o autoconhecimento e não simplesmente como diversão”.

Voltando à novela, esta “febre” de produtos indianos e super interesse pela cultura, passou após alguns meses do seu término, o que é absolutamente natural e previsível, já que em todos os meios, há uma constante renovação do conteúdo, como um processo de avanço, e inclusive de estratégia de mídia. Além disso, é normal que esta, retratando os aspectos que vivenciamos em nossa cultura, reforce os valores ocidentais. Sem essa sustentação, fica difícil algo que nos é “novo”, permanecer por tanto tempo. Ainda sim, de forma menos ou mais significativa, a novela contribuiu nesses últimos anos, com a iniciação à dança, como já colocamos aqui, através do depoimento de Patrícia Romano.

A dança indiana é também uma ótima atividade física, contribuindo para o fortalecimento muscular, perda calórica, coordenação motora, equilíbrio. Mesmo assim, considerando as escassas produções científicas realizados com a arte e o pouco enfoque dado aos benefícios físicos, justamente pelo conteúdo religioso ser o mais abordado e valorizado, há pouco aprofundamento e detalhamento destas questões.

À medida que os benefícios físicos da dança indiana forem sendo mais estudados, e mais conhecidos no Brasil como consequência da ascensão da arte no país, tais aspectos corporais poderão talvez vir a motivar ainda mais a busca pela dança, e assim abrir-se-á mais uma oportunidade para conhecerem a cultura a qual a dança representa. Porém, estudos devem ser realizados para melhor investigação.

Fica evidente desta maneira, que as características que circundam a dança indiana estão se manifestando e influenciando o Brasil.

6. DANÇA DO VENTRE

6.1. Características Gerais da Dança do Ventre

A dança do ventre é realmente uma arte encantadora, que conquista cada vez mais mulheres, e as levam para um mundo de boas contribuições.

Além de sua peculiar beleza, a dança do ventre traz, diante dos estudos já realizados, uma série de benefícios psicológicos e físicos.

Essa arte é também considerada sagrada, mas muitos não reconhecem tal caráter. Assim, as vêem de maneira pejorativa, focando-se apenas na questão da sensualidade.

Para Mohamed (1995) apud Kusunoki (2009, p. 709) a dança do ventre é definida como:

“ uma dança que se situa entre o folclore e a criação pessoal, porque por um lado possui uma estrutura básica constante e por outro, existe também um componente importante de improvisação que oferece à dançarina uma liberdade ampla para realizar seus movimentos num extraordinário equilíbrio entre regra e liberdade, sujeição e criatividade pessoal. É através desta improvisação que se pode exteriorizar todas as suas qualidades expressivas e alcançar a distinção artística a que chegam as grandes dançarinas da atualidade.”

A dança do ventre então, é como um leque, que será aberto ao longo deste trabalho.

6.1.2. Movimentos e Acessórios da Dança do Ventre: significados e representações

O sol e a lua são dois símbolos nos quais a dança do ventre se baseia. O primeiro se refere aos elementos masculinos, marcantes, e o segundo se refere aos movimentos femininos, leves, ondulatórios. Assim afirma Dário (2000), que também fala à respeito da dança como sendo uma reprodução do conjunto de movimentos da natureza, à fim de buscar um equilíbrio entre os quatro elementos: fogo, água, ar e terra.

Para a autora, os aspectos desenvolvidos de acordo com os elementos são:

- Fogo.

É representado pelos movimentos solares realizados com os quadris, e além de ampliar a espiritualidade, promove mudanças.

- Água

É representada pelos movimentos ondulatórios, desenvolvendo a sensibilidade, e liberando os sentimentos.

- Ar

Possibilita maior abertura mental e intelectual, sabedoria. É representado pelos movimentos de braço, mãos e cabeça.

- Terra

Representada pelas tremidas do busto, quadril e ventre, desenvolve força, inspirando prosperidade e expressão da sexualidade.

Ainda de acordo com a autora, as mulheres escolhiam recursos de acordo com sua intuição, que serviam para expressar a sua fé durante os rituais que eram realizados, e que atualmente são usufruídos, como uma maneira de resgatar alguns significados. São estes: véu (ligado ao simbolismo do ar), *snujs* (pares de minipratos de bateria, colocados nos dedos médios e polegares) e incenso, que servem como proteção, eliminando os maus espíritos e purificando o ambiente; bengala, punhal, espada e bastão, que representam o masculino, traziam forças aos homens que seguiam para a guerra; e fogo, que através da vela e candelabro traz uma magia na qual a dançarina “se transforma em luz”.

A dança possui uma série de movimentos que são combinados de acordo a vontade da bailarina.

6.2. HISTÓRIA DA DANÇA DO VENTRE

6.2.1. Origem

A origem da dança do ventre se encontra em meio a uma nebulosidade, devido aos poucos registros históricos sobre a dança e, por ser uma arte extremamente antiga. Assim, a história se baseia no relato dos fatos, diante do ponto de vista de alguém. (REIS, 2007) Enquanto alguns autores dizem que o surgimento da dança ocorreu no Antigo Egito, para Bencardini (2002) citado por Reis (2007), a Turquia e a Índia, foram os países em que houve os registros mais remotos, durante a idade da pedra lascada. Tais registros se referem às estátuas de mulheres com seios fartos e ventre proeminente, que serviam de amuletos para fertilidade, já que as mulheres, por gerarem a vida, se tornavam divinizadas. A dança, que era realizada com movimentos do quadril, fazia parte dos cultos reverenciados às divindades femininas, com a intenção de aumentar a fertilidade das mulheres. A partir disso, a dança do ventre pôde evoluir.

A autora diz que em sua origem então, a dança do ventre está vinculada ao contexto mítico-religioso de civilizações antigas do Oriente Médio (Babilônia, Egito, Mesopotâmia, Suméria, Pérsia, Índia, Fenícia) que adoravam a grande Deusa-Mãe. Esta possuía diferentes nomes em cada um destes povos, que mostravam seu significado como força divina da criação, princípio feminino atuante em todos os seres, independente do sexo.

Havia uma forte conexão dos homens com o cultivo da terra e a natureza, e os templos eram construídos como centros da vida econômica, política, e cultural. A dança era realizada nestes templos, onde cultuavam a deusa da fertilidade Ishtar ou Inana (Mesopotâmia), Isis (Egito) e Astarte (Fenícia). (BENCARDINI, 2002 apud REIS, 2007)

As danças que reverenciavam a Deusa-Mãe, através de movimentos e ondulações no ventre, ritmos fortes, e simulações dos mistérios que circundam a vida e a morte, expressavam a origem da vida. Tais dançarinas eram preparadas dessa maneira, para externar todas as suas funções como mulher, otimizando o físico, o psicológico e o espiritual. (SAFFE, 1997, apud MACHADO, 2003)

Por fim, Sabongi (2003) apud Abrão e Pedrão (2005) salienta que, a dança do ventre como uma arte milenar, é profunda, e não merece ser tratada com vulgaridade ou banalidade.

6.3. CONTRIBUIÇÕES DA DANÇA DO VENTRE

6.3.1. Benefícios Gerais.

Ao consultar algumas bibliografias, Machado (2003), pôde identificar os seguintes benefícios oferecidos pela dança do ventre:

- Auxilia em problemas menstruais e no trabalho de parto, facilitando as contrações e dilatações;
- Auxilia em problemas de prisão de ventre;
- Proporciona flexibilidade e alongamento ao corpo;
- Harmoniza os chakras, atuando diretamente no centro de energia do corpo que se encontra no ventre, distribuindo-a de forma adequada;
- Desperta os órgãos dos sentidos;
- Estimula a memória, favorecendo maior concentração;
- Estimula os órgãos reprodutores, equilibra a dosagem de hormônio, concede maior disposição para o prazer;
- Ativa a circulação;
- Permite um bom funcionamento dos rins;
- Permite que se obtenham formas arredondadas;
- Alivia tensões da nuca, ombros e mãos;
- Educa a postura;
- Concede à mulher mais feminilidade, beleza e suavidade, favorecendo sua segurança e auto-estima.

Outros benefícios que não foram citados acima podem ser apontados. Positivas alterações dos estados de ânimo (TIMM et. al., 2001 apud FRANZOSI, 2009). Melhora da coordenação; estímulo das capacidades expressivas corporais; superação de temores; um meio para a relação espiritual e para a retribuição (SALCADO & FURELOS, 2004 apud FRANZOSI, 2009). Melhora a percepção corporal, respiratória (KUSSUNOKI, 2006 apud FRANZOSI, 2009). Proporciona o fortalecimento dos grupos musculares (abdômen, braços, glúteos, pernas e costas; auxilia na perda de peso; desenvolve a agilidade mental e

musicalidade; exercita as noções de espaço e tempo; possibilita bem-estar e sensação de paz. (CRAMER, 2007 apud FRANZOSI, 2009).

6.3.2. Os Chakras e a Dança do Ventre

Na filosofia hindu, o corpo humano possui sete pontos de distribuição de uma energia central, que são chamados de chakras.

Para melhor explicar a concepção dos chakras, Dychtwald, (1984) apud Machado, (2003, p. 27) expõe as idéias, fundamentadas na ioga *Kundalini*.

“A idéia central do Kundalini é que dentro do miolo da coluna, numa região oca que se denomina *canalis centralis*, encontra-se um conduto energético que os hindus chamam de “Sushumna”. Ao longo deste conduto, desde a base do ânus até o alto da cabeça, flui a mais poderosa de todas as energias psíquicas, a energia Kundalini. Além disso, existem de cada lado deste canal dois outros canais acessórios, um chamado “Ida”, cuja origem situa-se à direita da base da coluna, e outro, “Pingala”, que se inicia à esquerda. Essas duas correntes psíquicas, que correspondem ao masculino (Ida) e ao feminino (Pingala) nas forças vitais, são consideradas como energia que se enrolam em torno da coluna e de Sushuma, em sentido ascendente, como cobras, entrecruzando-se em sete pontos importantíssimos. Cada um destes sete vértices é denominado chakra ou “círculo de energia” sendo considerado um centro de consciência. Segundo a antiga literatura hindu, cada chakra está voltado para aspectos muito específicos do comportamento e do desenvolvimento humano. Uma vez que a natureza psicossomática de cada chakra está relacionada a um ponto em particular ao longo da coluna, bem como a um nível específico de desenvolvimento psicoemocional, o espaço de vida do iogue Kundalini é devotado à tarefa de desenvolver-se de modo a evoluir através das diversas e qualidades e desafios dos chakras, este caminho vai fazendo com que o enfoque da energia Kundalini se dirija sempre para cima, subindo desde a base da coluna até chegar no alto da cabeça.”

Rendel (1991) apud Moraes (1996) também explica sobre os chakras, dizendo que:

“o indivíduo nada mais é que a energia em diferentes estados ou diferentes taxas de vibração. Essas tais energias, em nosso próprio sistema, seriam os chakras, centros de força vital em diferentes níveis de experiência ou consciência no sistema humano. A palavra chakra significa roda, em sânscrito, e esses centros de energia podem ser vistos como rodas ou vórtices de força. As energias sediadas nesses níveis manifestam-se através desses centros de força vital e circulam através dos nadis.”

Os sete chakras são:

- Chakra *Muladhara* (básico)

- Chakra *Svadhithana* (umbilical)
- Chakra *Manipura* (plexo solar)
- Chakra *Anahata* (cardíaco)
- Chakra *Vishuddhi* (laríngeo)
- Chakra *Ajna* (frontal)
- Chakra *Sahasrara* (superior)

De acordo com Moraes (1996), os três primeiros chakras, que se localizam no ventre, são muito importantes e contribuem para que a energia flua até os chakras superiores, quando bem trabalhados.

Contribuindo com o autor, Dário (2000) diz que o ventre, localizado no meio do corpo, é que cuida da excreção e reprodução humanas, digestão, e da sede de nossos apetites. Dessa forma, com o ventre sendo considerado a sede da Kundali, ao se ampliar, energiza os chakras.

Chakra Muladhara (Básico)

Um disco de luz vermelha, responsável pelo sistema gênito-urinário, é apresentado como o chakra básico. (MOTOYAMA, 1981 apud MORAES, 1996)

Dychwald (1984) apud Machado (2003), diz que esse chakra está relacionado com a energia primitiva, com as necessidades básicas de sobrevivência e com o grande potencial humano.

A criatividade, a sensualidade e a fertilidade, são estimulados pelo chakra básico. (LYZ, 1999 apud MACHADO, 2003))

Chakra Svadhishthana (umbilical)

Motoyama (1981) apud Moraes (2003), diz que este chakra está localizado abaixo do umbigo, sendo apresentado como um disco de luz vermelha, e cuja função é a de controlar o sistema gênito-urinário.

Os registros de nossa infância como o amor e desamor, confiança e desconfiança, timidez, auto-estima, estão presentes neste chakra. (MACHADO, 2003)

Chakra Manipura (plexo solar)

Este chakra apresenta-se como um disco de luz verde ou azul, e está localizado na região do umbigo. (MOTOYAMA, apud MORAES, 1996)

Segundo Penna (1996) apud Moraes (1996), o chakra do plexo solar, está localizado numa região onde o medo, a raiva, e o susto, que são os impactos emocionais, podem ser sentidos. Este chakra, está associado com o estômago, vesícula biliar, pâncreas e fígado.

Chakra Anahata (cardíaco)

Com a função de controlar o coração, este chakra situa-se próximo à intersecção da linha mediana e de uma linha que liga os dois mamilos. É apresentado como um disco de luz vermelha ou dourada. (MORAES, 1996)

Chakra Vishuddhi (laríngeo)

Apresenta-se como um disco de luz violeta. Controla os órgãos respiratórios. Situado na garganta. (MORAES, 1996)

Chakra Ajna (frontal)

Localizado entre as sobrancelhas, tem como função controlar as funções secretoras da glândula pituitária, além das atividades intelectuais. Apresenta-se como um disco de luz branca de grande intensidade. (MORAES, 1996)

Chakra Sahasrara (superior)

Este chakra controla de forma global todos os aspectos do corpo e da mente. Situado no alto da cabeça, apresenta-se como um grande disco de luz dourada ou róseo. (MORAES, 1996)

6.4. DANÇA DO VENTRE NO BRASIL

Há alguns fatores pertinentes à dança Indiana, que estão também presentes na dança do ventre. Portanto, não julgamos ser necessário o detalhamento de tais fatores, uma vez que já foram explicados em Dança Indiana no Brasil. A título de referência, apenas os citaremos se acharmos conveniente.

Sobre a história da dança do ventre no Brasil, Rondinelli (2002) apud Franzosi (2009, p. 34), diz que “observa-se um silêncio a respeito da dança na reflexão histórica e sociológica sobre a colônia árabe no Brasil”. Isto porque não há indicação sobre a presença da dança do ventre que adentrou no Brasil, nos livros que abordam a imigração árabe.

Mas, sobre a Contracultura, parece que esta, contribuiu com a dança do ventre. Rondinelli (2002) apud Franzosi (2009), encaixa a dança do ventre como prática do movimento alternativo quando refere o surgimento de inúmeras outras práticas a partir das originais.

6.4.1. Posição e influência no Brasil

De acordo com Rondinelli (2002) apud Kusunoki (2009) e Aguiar, (2009), o maior número de imigrantes árabes e descendentes se concentram no estado de São Paulo, o que justifica o grande número de produções artísticas presentes neste mesmo lugar.

Algumas dançarinas de destaque no Brasil são, segundo Kusunoki:

- Gisele Bomentre: já foi bailarina do Teatro Municipal de São Paulo, e através de testes rigorosos, conseguiu entrar como dançarina profissional no Egito. Dançou com várias orquestras públicas, programas de TV, e fez reaparecer a dança da espada no país;

- Soraya Zayed: faz parte da casa de chá egípcia Khan el Khalili situado em São Paulo, se destacou no Oriente Médio, e foi convidada inclusive a ter uma participação junto à dançarina mais famosa daquela época naquele país, chamada Dina;

- Nájua: conhecida através da casa de chá Khan el Khalili, é também bailarina clássica, e além de ter aparecido em programas da TV Libanesa, foi contratada para dançar em um hotel no Egito.

Assim como a novela Caminho das Índias retratou a dança indiana, a novela O Clone, exibida em 2001, pôde retratar a dança do ventre.

Kusunoki (2009) afirma que a novela trouxe popularidade à dança do ventre, podendo ver esta, sendo utilizada em festas como as de casamento, além das roupas e outros elementos.

Rondinell (2002), apud Franzosi (2009) realizou um estudo na cidade de Rio Claro e São Paulo, onde cinco espaços que oferecem a prática da dança do ventre, bem como as professoras representantes, serviram para a realização do mesmo.

Dentre estes lugares, a autora menciona dois como tendo vários objetos e serviços referentes ao Movimento alternativo. São estes: tarô, runa, venda de anjos, mapa astral, incensos e cristais, reiki e meditação.

Sobre todo esse encanto e mistério que acompanha a dança do ventre, Rondinelli, (2002) apud Franzosi (2009), menciona as idéias de Said (1989), afirmando que o orientalismo é um conceito que desvenda os estereótipos ocidentais (“exótico e sensual”) à respeito do Oriente, e diz que este é “uma fantasia do Ocidente”.

Apesar dos ocidentais terem essa tendência de estereotipar o Oriente, não estão totalmente equivocados, tendo em vista que muitos aspectos místicos, estão de fato presentes em alguns países, e portanto representa o mesmo. Explicaremos esta questão no capítulo 8.

As danças que fazem parte da cultura brasileira, tais como o samba, a lambada, e o forró, ajudam na execução da dança do ventre. Entre os estilos desta, o egípcio e o libanês são os mais vistos no Brasil. (KUSSUNOKI, 2009). Já com relação à música, Tony Mouzayek - libanês radicado em São Paulo, canta música de dança do ventre, e é muito conhecido no Brasil. Tendo um grande número de Cd's gravados no país, apareceu também em uma das festas da novela O Clone.

A dança do ventre possui uma explícita sensualidade, que tendo um vazio significado para muitos, estes, não reparam as boas contribuições que tal fator traz às mulheres. Apesar dos benefícios da dança já terem sido abordados neste trabalho, vale ressaltar que, referente à sensualidade, as contribuições estão no aumento ou resgate da beleza, da suavidade, da feminilidade, que conseqüentemente trabalham a auto-estima, a desinibição a auto-valorização, a segurança.

Dário (2000), diz que a dança passou a ter seu significado deturpado, após os colonizadores a terem levado para a Europa. Na visão da sociedade, a dança deveria servir somente de entretenimento para os homens

Já Kusunoki (2009) antecipa um pouco as informações de Dário dizendo que ainda no Egito, no século XVI, a dança passou a ser vista em prostíbulos, e com a sua posterior propagação ao alcance do mundo, a dança continuou sendo apresentada nestes locais, porém sem nenhuma preocupação com a técnica ou a forma artística.

Kusunoki (2009) afirma que a sensualidade e a vulgaridade com relação à dança, têm sido relevantes para os ocidentais, e a mesma, tem sido apresentada em “shows” de “strip-tease”, em locais de prostituição de todo o mundo. Apesar desta visão ser predominante quando se fala em dança do ventre, se torna irrelevante diante da grandeza desta arte no Oriente Médio, em que uma diversidade de instrumentos a enriquecem, e são tocados para a mais importante bailarina do país.

Com relação ao sagrado, Rondinelli (2002) apud Franzosi, (2009) relaciona a dança do ventre com um mito:

“O mito apresenta a relação de adoração do homem pela natureza baseado na religiosidade pré-moderna e pré-cristã, na qual a mulher é cultuada devido aos seus atributos femininos, o que está intimamente ligado ao mito antropológico do matriarcado. A dança também diante deste mito é instrumento para a conexão entre o homem e a divindade”.

De acordo com a autora, a dança do ventre se transformou devido à passagem do matriarcado para o patriarcado. Assim, a base sagrada da dança se modificou e se tornou entretenimento.

Alguns novos estilos têm surgido no Brasil utilizando a dança do ventre. Alguns dos exemplos são: fusões de dança flamenca com a dança árabe, como nos estilos tribais; coreografias com passos de dança do ventre em ritmos musicais como o samba e o rock; passos de contemporâneo e balé clássico, além da utilização de sapatilhas de ponta. (KUSSUNOKI, 2009).

Voltando para o estudo de Rondinelli (2002) citado por Franzosi (2009) , os objetivos da dança do ventre que foram apontados são: trabalhar a cura através da dança, oferecer diversão, aperfeiçoamento da técnica, cura relacionada ao autoconhecimento.

Como análise geral dos dados do estudo, a autora encontrou dois tipos de dança do ventre que são “divulgados”: entretenimento e alternativo. Dentro do que se encaixa no estilo alternativo estão: dança como terapia; forma ritual de culto à Grande Deusa; aprendizado espontâneo através da expansão da consciência; feminino como algo a ser aflorado, uma manifestação interna; uso de cristais, incensos, músicas “new age” e outros elementos de

caráter alternativo; alia práticas corporais alternativas à dança. Dentro do estilo entretenimento estão: dança como manifestação folclórica; apresentações em locais públicos como restaurantes, clubes e casas de chá; aprendizado através de técnica dos movimentos de dança; uso de músicas tradicionais árabes; profissionalização da dança.

Já do ponto de vista dos alunos que iniciam a dança do ventre, estes, possuem entre os motivos para praticar a dança a beleza desta arte, e a busca de uma atividade física, ou de lazer. Tais motivos foram evidenciados no estudo realizado por (CRAMER, 2007, apud FRANZOSI, 2009).

Apesar de estes estudos abrangerem poucos lugares diante da presença da dança do ventre no Brasil, já refletem ou pelo menos ajudam a definir um pouco, o que representa a arte no país.

7. MULTICULTURALISMO

A dança indiana e a dança do ventre, diante do multiculturalismo, são dois “instrumentos” que podem favorecer a relação entre as diversas culturas.

Com a globalização, impulsionada pelas tecnologias de informação, há o contato de diversas culturas. Na definição de multiculturalismo, Cantu e Damschi [200-] dizem que este, originou-se com a informática, que tendo provocado uma revolução, trouxe uma relação de diferentes contatos culturais em um mesmo território.

De acordo com Siqueira (2003):

“Em um contexto de "relações sociais intensificadas", o multiculturalismo é a nova cultura do espaço global, uma cultura dinâmica que se refaz com e através dos [fluxos globalizantes](#), modificando e reconstruindo as interações e colocando como desafio a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar.”

Este contato entre as diferentes culturas implica muitas vezes num confronto das mesmas, que enfatizando as palavras do autor acima, implica num desafio de tentar superar tais diferenças e estabelecer o diálogo, o respeito, e a aceitação do “outro”.

Siqueira (2003) ainda enfatiza:

O "aprender a conviver" diz respeito portanto a habilidade pessoal de permitir a aproximação e não o afastamento do Outro, através do interesse, da escuta, do diálogo, da empatia por formas alternativas de vida, etc., tendo sempre por base que o envolvimento com a diferença tornou-se um pré-requisito da vida democrática na globalização pós-moderna.

A dança por si só já se torna um estímulo para anular os preconceitos. A capacidade que esta arte tem de aflorar o sensível, fazendo potencializar ou ressurgir os sentimentos de amor, de solidariedade, e o senso de coletividade é realmente incrível.

Tendo em vista a ascensão em relação ao interesse pela dança indiana e dança do ventre, bem como o interesse por outras atividades orientais no Brasil, todos, como representantes do oriente, mostram que há uma boa aceitação por parte dos brasileiros, em querer entender como os orientais vivem.

Seja pela beleza dos movimentos, busca da estética corporal, saúde, entretenimento, ou qualquer outra razão que levem as pessoas a procurarem a dança indiana e dança do ventre, não importa. Estas, sempre abrirão um espaço para se conhecer o diferente e respeitar o próximo.

8. O ORIENTE

8.1. O Oriente em meio à Dança Indiana e a Dança do Ventre

Como já vimos anteriormente, os ocidentais tendem a idealizar um oriente, onde a palavra “exótico” se torna a peça-chave deste imaginário.

Em uma das citações deste trabalho, vimos que Rondinelli (2002) apud Franzosi (2009, p. 33), menciona o oriente de acordo com Said (1989), como sendo uma “fantasia do Ocidente”, e à estas palavras ainda acrescenta: “Existem diferentes culturas que compõem o Oriente (os distintos povos do universo árabe, a cultura japonesa, hindu, entre outros), o que revela um equívoco estereotipar tais culturas diante de um “imaginário oriental.”

Sobre a citação acima, podemos dizer que, desconsiderando este caráter fantasioso do Oriente, todos estes povos possuem aspectos distintos, os quais definem uma identidade cultural, mas, também possuem aspectos em comum.

Os significados do Oriente de acordo com o dicionário Michaelis (2002): “1 O lado onde o Sol aparece quando nasce; leste, este, nascente. 2 Países ou regiões que ficam do lado onde aparece o Sol.” Para melhor explicarmos o que pretendemos, podemos definir que o Oriente diante do segundo significado, pode ser visto como uma unidade, na qual determinados países a compõe. Sendo assim, independente de uma característica ser de um ou mais países, ainda sim estará representando o Oriente, uma vez que esta, ressaltando novamente, faz parte de um país, e este, é parte da unidade.

Dessa forma, quando falamos, por exemplo, sobre o incenso, este, pode não ser usufruído por todos os povos, mas mesmo assim representa tal unidade.

Um aspecto comum a vários países orientais é o modo de pensar, o qual se refere ao que chamamos de visão de mundo holística.

Segundo Crema (1994) apud Fátima (2001, p. 28): “...a visão holística, **holos** vem do grego, todo, inteiro, vê o corpo se confundindo com o sujeito, o “eu” fazendo parte do **todo**”.

Pinto e Jesus (2000) afirmam que não faz sentido falar de corpo e mente como coisas separadas, pois há uma interdependência natural de todas as coisas. O conhecimento intuitivo, o qual não pode ser expresso em palavras, além da prática não ser considerada subordinada ao conceito, são dois aspectos valorizados pelos orientais.

Os autores falam que este conhecimento intuitivo pode ser explicado pelo exemplo da água e da onda:

“Uma onda no mar, antes de ser onda, é água, a verdadeira essência da onda é ser água. Existem, portanto, para os orientais, duas dimensões com as quais podemos compreender a vida. Uma é como a onda, também chamada de dimensão histórica e a outra é como a água, chamada suprema dimensão. A dimensão onda é histórica e se caracteriza pelo nascimento e morte, ser e não-ser, e a dimensão água caracteriza-se por ser eterna, plena, total, absoluta.(PINTO; JESUS, 2000, p. 91)

Para os orientais estas duas dimensões são equivalentes, ou seja, ambas assumem o mesmo grau de importância, de acordo com os mesmos autores.

Esta visão então, se confronta com a visão dualista estabelecida no ocidente. Esta visão do mundo ocidental, é sustentada à partir das idéias de Platão, Sócrates e Descartes, que vêem a alma separada do corpo

Para Descartes o corpo é uma matéria que impossibilita a compreensão do mundo, enquanto que tal compreensão só acontece através da mente. A razão humana é exaltada como único e último critério de verdade. (PINTO; JESUS, 2000)

Sendo o intelecto superior à matéria nesta visão, Pinto e Jesus (2000) dizem que o conhecimento racional, através das distinções intelectuais, acaba por discriminar, categorizar, dividir e comparar.

No entanto, os ocidentais vêm tendo aos poucos uma percepção diferente de mundo, que entre suas razões, estão as conseqüências que eles mesmos trazem para si, diante de seus próprios atos.

Sobre os Movimentos da Contracultura, Fátima (2001, p. 29) explica:

“Movimentos como esses deixaram uma herança, apesar da força de influência da sociedade de consumo, que faz corpos e pessoas disciplinados e individualizados, uma herança de esperança na re-humanização e na ressacralização do ser-humano, reconduzindo através do corpo a síntese e o sentido da vida.”

As formas educacionais, a prática de saúde, as instituições religiosas e as disciplinas psicoemocionais do oriente indicam uma visão holista do desenvolvimento pessoal e da vida. (MACHADO, 2003). Entre as citadas acima, podemos por exemplo encontrar no Brasil, a Yoga,, Tai-chi-chuan, a acupuntura, budismo, Hare Krishna, Seicho-no-iê, entre outros. Estes, estão sendo “bem” aceitos, e contribuindo para despertar a curiosidade do mundo oriental, bem como sendo integrado à vida de muitas pessoas.

A dança indiana e a dança do ventre neste contexto, são mais duas artes que contribuem com os ensinamentos acima. Em uma relação íntima entre ambas, temos que os

chakras faz esta ponte, uma vez que tem-se os conceitos destas de acordo com as bases hindu, e tem-se o ventre como um lugar importante que os mesmos atuam.

Dessa forma, apesar de distintas em alguns aspectos, e semelhanças em outros, representam um mesmo Oriente.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar as características da dança indiana e da dança do ventre, a fim de delinear o perfil de cada uma, e assim verificar quais aspectos estão presentes no Brasil.

Através da pesquisa bibliográfica, no que concerne a dança indiana, percorremos pelos seus estilos, história, características do hinduísmo (fundamento da dança), caracterização da apresentação (figurinos, maquiagem, etc.), e influência no Brasil. Na dança do ventre, passamos pelas características gerais, história, benefícios gerais, e influência no Brasil. Na primeira, o que podemos destacar, é a forte relação do sagrado com a dança, baseada em uma complexa compreensão das crenças e práticas do hinduísmo, seja este, encarado como uma religião ou filosofia de vida. Também vimos a maneira peculiar de se vestirem e se adornarem, que é exaltado pelas cores fortes e acessórios diferenciados. Na segunda, podemos destacar a relação da dança com a mulher e a natureza, baseada nos aspectos sagrados de sua origem, além de sua relação com os chakras, como parte dos benefícios que são proporcionados.

No Brasil, há um aumento de interesse pela dança indiana, bem como sua cultura, em que, desde as vestimentas, até a culinária, são inseridos no país. A apreciação das crenças hindu, e o compromisso com a religião, são fatores fundamentais para que os profissionais se identifiquem e permaneçam na arte.

A dança do ventre por sua vez, também tem sua cultura presente no Brasil através das roupas, música, culinária árabe, etc. A arte tem sido incorporada à outros estilos, e a sua sensualidade têm um significado negativo para muitos, mas não impede que muitas outras pessoas a pratiquem, o que reflete o crescimento na procura pela mesma.

Com isto, consideramos que a influência de ambas as danças bem como as culturas representadas pelas mesmas, se dá pelo simples fato de suas características estarem presentes no Brasil, deduzindo que, se estas mesmas características, são visíveis e crescentes no país, é porque houve ou está havendo um acolhimento, mesmo que seja uma aceitação dos aspectos superficiais, ou seja, dos aspectos materiais não vinculados à qualquer significado espiritual.

Estamos considerando que a palavra “influência”, a princípio se aplica a simples presença das características aqui, embora o trabalho tenha um propósito maior, que é o de oferecer uma oportunidade através das danças, de conhecer os pensamentos orientais, de modo que possamos refletir sobre nossos valores e concepções sobre a vida.

Todas as atividades orientais presentes no Brasil estabelecem uma influência mútua, pois uma vez que a pessoa conheça uma determinada atividade, e goste da filosofia intrínseca, poderá querer se aprofundar na cultura oriental por meio das outras atividades.

É neste aspecto que se vincula o multiculturalismo, pois com este se fazendo presente no mundo atual, pode encontrar na dança uma contribuição no sentido de apaziguar as diversidades, evitar preconceitos e discriminações entre as culturas.

Sobre a relação de corpo e mente, altamente valorizado no oriente, refletimos que as danças possuem seus traços visivelmente voltados para tal união. Podemos dizer que na dança indiana tais traços são mais marcantes e assim mais visíveis justamente pela presença inerente do hinduísmo. Na dança do ventre, apesar de seus significados iniciais terem sido esquecidos por muitos, além de a terem vinculada à uma sensualidade banalizada, também possuem traços visíveis desta união, que pode ser simbolizada pelos chakras, e pela sua própria origem sagrada. No Brasil, vimos que alguns profissionais do estudo de Rondinelli, ensinam a dança como parte do alternativo, e isto favorece o resgate da união corpo-mente.

Com este raciocínio, não pretendemos de maneira alguma desvalorizar as danças aqui estudadas sob a perspectiva ocidental, uma vez que muito do que pensamos agregou e agrega inúmeros aspectos positivos às mesmas.

Uma forma de pensar não deve excluir a outra. Devemos sim integrá-las ao nosso cotidiano para um bem maior: o crescimento da humanidade.

Eh...a dança é realmente mágica...nos transforma, e nos conduz!

10. REFERÊNCIAS

ABRÃO, A. C. P.; PEDRÃO, L. J. A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que freqüentam uma academia de ginástica e dança. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 243-248, abr. 2005.

ALBUQUERQUE, L. M. B. Oriente: fonte de uma geografia imaginária. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 114-125, 2001. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_albuqu.pdf>. Acesso em: 6 set.

ANDRADE, J. **Dança clássica indiana: história - evolução - estilos**. Curitiba: Edição do Autor, 2008. 166 p.

_____. **Shiva abandona seu trono: destraditionalização da dança hindu e sua difusão no Brasil**. 2007. 320 f. iI. + anexos. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CANTU, I. B.; DAMSCHI, M. G.; TONNIAZO, N. A. **Multiculturalismo e processos educacionais no ensino superior**. p. 109-121, [200-]. Disponível em: <<http://www.famper.com.br/2010/arquivos/mundo-contemporaneo/ivone.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2010.

DÁRIO, G. J. **Dançando a criação: a relação entre educação e arte no processo educativo**. 2000. 45 f. + anexos. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

FÁTIMA, C. V. **Dança: linguagem do transcendente**. 2001. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

FOLLMANN, J. I.; SCARLATELLI, C. C. Lições Milenares do Oriente Hinduísta para uma Conduta Ética na Sociedade de Hoje. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, p. 18-42, 2006. Disponível em: , <http://www4.pucsp.br/rever/rv4_2006/p_follmann.pdf>. Acesso em: 6 set.

FRANZOSI, N. M. **Dança do ventre: um olhar da educação física**. 2009. 84 f. Monografia (Bacharel em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GUERREIRO, S. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 1, p. 44-56, 2001. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_guerri.pdf>. Acesso em: 9 set. 2010.

KUSSUNOKI, S. A. Q.; AGUIAR, C. M. Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 708-712, jul./set. 2009.

MACHADO, K. **A contribuição da dança do ventre para o desenvolvimento da consciência corporal e da sexualidade da mulher**. 2003. 67 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

MICHAELIS. **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2002. p. 868

MORAES, S. H. B. **A dança do ventre e seus benefícios**. 1996. 54 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro

MÜLLER, J. **A prática da dança indiana pode, assim como o Yoga, levar ao autoconhecimento**. [20--]. Disponível em: <<http://www.yogabrasil.org/cultura-indiana/danca-da-india/319-a-pratica-da-danca-indiana-pode-assim-como-o-yoga-levar-ao-autoconhecimento.html>>. Acesso em: 28 set.

PINTO, J. P. M. S.; JESUS, A. N. A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental. **Motriz**, Rio Claro, v. 6, n. 2, p. 89-96, jul./dez. 2000.

RAMM-BONWITT, I. **Mudrás: As mãos como símbolo do Cosmos**. São Paulo: Editora Pensamento, 1987. 283p.

REIS, C. A. **A atividade estética da dança do ventre**. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

RENOU, L. **Hinduísmo**. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1964. 191 p.

ROMANO, P.; **Bollywood Grooves Brasil**. [20--] Disponível em: <<http://www.natyalaya.com.br/bollywood.html>>. Acesso em: 27 ago.

SIQUEIRA, H. S. G. Multiculturalismo: tolerância ou respeito pelo Outro?. **A Razão**, Rio de Janeiro, 26 jun. 2003. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/multicultura.html>>. Acesso em 3 out. 2010

SPROVIERO, M. B. **Oriente e Ocidente: Demarcação**. [20--]. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand4/orientee.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

TARIKAVALLI. Dança Clássica do Sul da Índia. **Revista da Dança**, Lisboa, [20--]. Disponível em: <<http://www.revistadadanca.com/node/81>>. Acesso em: 2 set. 2010.

TINÔCO, C. A. **O pensamento Védico: uma introdução**. São Paulo: IBRASA: Livros que Constroem, 1992. 135p.

